

AINDA PARA OS “AZES”

A querela dos pras.

Paulo Emiliano:

“Não concordamos com a linguagem propositalmente descurada dos modernos. Pro, pra.. somos contra estes pros!” (“O Cataguazes”, 16/12/28)

Camillo Soares para F I. Peixoto:

“O Ribeiro (Couto) gostou imenso do Pedro Malazarte. / Chamou elle de pequena maravilha. / Discuti meus versos comigo. / Disse que eu tou com a preocupação da língua. / PRÁ. / Disse que isso é besteira. / E é mesmo, não é? (.)” (1927)

Camillo Soares para F I. Peixoto:

“O Ribeiro Couto na carta que me escreveu me falou que eu não devia empregar o *prá* em vez de para, que isso era uma preocupação atôa. / É isso mesmo. / O Martins de Oliveira já me havia falado sobre isso. / Pensei. / Cisme. / Encrenquei. / Mu-dei. / E ficou para em lugar do *prá*. (.)” (1927)

Camillo Soares para F I. Peixoto:

“Praquê, Francisquinho, dizer prá mim que a vida (.)” (1927)

Mario de Andrade para Rosario Fusco:

“Prá cima dele’ não deve ter acento no pra. Pra com acento indica crase: ‘Dê agua prá (para a) cabra’ ‘Vou pra (para) casa’ ” (24/10/27)

Mario de Andrade para Rosario Fusco:

“Você não acentua ‘p:a’ nem ‘pras’ quando contrações de pra com a ou as. Acho isso um engano. Acento agudo aí não significa abertura de som, significa apenas a contração. Sem ele a coisa ficaria analiticamente confundível, e é um engano a gente se divorciar da gramática. A gente deve de se libertar da gramática, porem andar junto com ela” (21/11/38).

Lição típica de Mário.

Para Rosario Fusco:

“Tanto no Este verso vai Molhado como no outro poema sobre a cidade de você, você força a nota da lingua e se percebe bem a intenção de fazer brasileirismos vocabulares e sintáticos a todo momento. Deixe isso pra mim que muito ja soffro na vaidade pela precariedade das minhas obras e tranzitoriedade delas. A vaidade é um fato. Repare ainda que os norteamericanos argentinos urugais que pretendem escrever lingua já da terra deles, não despençam nos exageros meus. Ora é possível fazer uma coisa caracteristicamente brasileira mais do que êsses citados são caracteristicamente ianques ou argentinos na fala, sem no entanto descambar pros exageros. Si quer exemplo util em mim não procure meus exageros, procure as minhas coisas mais atuais em arte, coisas em que não para o desejo de morte. Porquê tambem o desejo de morte é ruim, ach!.

“Este Verso vai Molhado: O Vento *sopra brabo*, não gosto disso. O vento venta brabo, fica bem mais liso e aceitavel. Já fechou as janelas. Esta aí um caso bom de abrasileirar a dicção. Brasileiro gosta do singular. “A janela’ por as janelas, fica brasileiro e passa despercebido, o efeito de abrasileiramento é mais interior, mais virtual por assim dizer. Chove choverá pra quando papai chegar, lembra subservientemente Osvaldo de Andrade e quanto ao emprego da formula popular, ela me parece forçada como ingenuidade no momento. Repare na diferença com que emprego a expressão, frase feita etc. popular, sem que ela chame a atenção excessivamente sobre si: Minha alma foi-se embora e me deixou. ‘Sodade’ acho difícil de empregar Os brasileirismos ortograficos valem pouco, pra abrasileiramento de lingua e têm de ser discretos. Como que você vai fazer, si emprega sodade, si ninguem emprega sodoso e sim saudoso? O povo de certo faria tambem sodoso, não tem duvida, porém a palavra não é do domi-

nio do povo. Quando êle quer falar Saudoso êle diz com saudade”

A visita.

Rosario Fusco para F. I. Peixoto:

“Oswald, Tarsila, Mario, Barros, Bacharat chegam qualquer hora visitar pessoal Verde. Alegria chegou aqui ultimo furo! Venha assim terminar exames. Estou apuros falta roupa decente apresentar-me jantar moderno á mineira vai ser offerecido visitantes. Essa vida de vagabundo prompto é mesmo buraco. E fundo. Como hei sair enroscada? Em todo caso veremos fim da historia. Depois tempestade. Bem não vim clamar vida perto amigo moço você. Só explicando. Não pense estou querendo esfaquear. Puxa! Seria prova burrice. Só quero venhas. Falta V participar alegria nossa () Vamos offerecer jantar no Brasil Hotel. Que tal? Como disse atraz estou em apuros. Venha assim que terminar o exame. Não banque o bêsta' seu merda'.. ” (22/10/27).

Carlos Drummond para Rosario Fusco:

“Vou lhe contar o caso do Oswald. Elle me mandou um telegrama assim: ‘Signal Apito talvez faça geração co.rer mais depressa. Peço transmitir gratidão rapazes Cataguazes e informar si ha hotel lá” Respondi imediatamente dizendo que o hotel (o nome não me lembra, foi um amigo que me indicou) de Cataguazes era o melhor do mundo. Isso foi em outubro. Até hoje o Oswald não appareceu ahi? Então não apparece mais. É o typo do cynico” (19/12/27)

Uma lição de Carlos.

Fusco e Camillo Soares mandaram poemas para Carlos Drummond. Ele escreve para um e outro. Para Fusco:

“E para vocês todos segue um brutissimo abraço pelo escandalo de ‘Verde’, que está cada vez mais verde e mais bonita” Manda colaboração, versos porque “estou convencido sinceramente que prosa não foi feita para esta penna. E muito menos critica. Nunca chego a dizer mais que os outros dizem, e qua-

si sempre digo menos. João Alphonsus ficou de dar um conto” Por intermédio de Carlos Drummond de Andrade que funciona um pouco como correspondente. Manda notícias que o “Diario de Minas” publicou. Uma, I., é do Alphonsus. A outra de Antonio Crispim é dele Carlos. “Li uma, esplendida, do Mario, no Diario Nacional” Agora comenta os versos que Fusco lhe mandou, um a um. Por exemplo: “*Paisagem nº 1*. Concordo com o Mario: não é lá para que digamos. E depois, os 1ºs versos, você desculpe, mas são de um poema que eu tenho, justamente intitulado Fantasia, que assim começa:

No azul do céu de methyleno
a lua ironica
diuretica. etc.

O resto, concordo, não é meu. Mas tambem não vale grande cousa. () *Cinema* é bem mais interessante e mais quente de vida. Discordo apenas de você por Tom Mix fazendo film em séries, quando tem tantos por ahi que são exclusivamente artistas dessa especialidade.

(.) *Bello Horizonte* — não sei porque fez o Mario estrillar. Não é muito característico não, mas pode ser perfeitamente o Bello Horizonte que você viu. Assim versos

Automoveis
Automoveis
Automoveis

dão ideia de um excesso de automoveis, o que não tem por aqui, onde ha pouco mais de mil desses bichos, inclusive fordes. (.) *O poema do meu amor* Você é mesmo tuberculoso? Si for, rasgue o poema. Si não for, rasgue da mesma maneira. É ruim de doer. (.) *Juiz de Fora — Manchester de Minas Geraes* é ridiculo mas interessante. Devia estar entre aspas, exprimindo o pensamento de todo juizdeforano que se presa. O juizdeforano é o paulista de Minas. ()” (5/11/27)

Os “Verdes” e o Norte.

Mario põe Ascenso Ferreira em contato com o grupo. Para Fusco:

“Mando aqui um poema de Ascenso Ferreira um baita dum poeta do Recife que está publica não publica um livro chamado Catimbó” (outubro de 1927)

Peixoto critica “Catimbó” (“Verde” — Dezembro 27) e logo se arrepende. Ascenso para ele:

“Ora você ainda está impressionado com as besteiras que escreveu a meu respeito? Tem graça! Mal de muitos consolo é. Não foi só você que escreveu besteiras a meu respeito, muita gente boa também o fez. E porque? Porque o Nordeste é uma fructa braba./ É como a canna que o Portuguez chupou com casca e tudo. O melhor é fazer como eu: não dizer nada a respeito da classe./ Gosto da coisa e digo que gosto sinceramente./ E só./ Fazer estudos é para outra classe de gente: os criticos!/ A nossa função é outra: criar./ E vamos vadiá./ Você não acredita a série de surpresas que eu tive com as criticas feitas ao Catimbó./ Descobriram em mim tanta coisa que eu desconhecia.../ Resultado. Grande atrapalhação da minha parte./ O que era feito sem intenção DESCUIDOSAMENTE hoje está sendo feito mais ou menos com orientação./ Si não fosse a necessidade de tornar conhecido o Nordeste eu ia até mudar de rumo./ Ia inventar outra coisa./ Só por causa dos criticos. (.)” (s/d)

Peixoto escrevera

“Á primeira vista o livro causa má impressão na gente com aquéla chusma de florinhas roxas no lado de fóra da capa” Mandando a 2ª edição de “Catimbó” para “Peixotinho do meu coração” Ascenso escreve: “as taes florinhas roxas com que V encabulou na capa do Colombo, me esqueci de dizer-lhe: são flores de pinhão rôxo!/ É commum aqui o uso de um galho de pinhão roxo para evitar mau olhado nos (?). Ha quem bote até pinhão roxo dentro de um casco (?) de boi./ Lá pelas gerais nordestinas na sua terra deve ser assim também. (.) Vai este estudo do Mario sobre mim. É o trabalho mais completo sobre Catimbó por isso resolvi distribuí-lo por meus amigos! Manda trabalhos teus que divulgarei com muito gosto por aqui! (.) Preste atenção às minhas anotações de differentes especies poeticas e rythmicas por mim empregados (.) E o Fusco?/ Que cousa ruim a gente ser quebrado! Sinão já tinha dado um pulinho lá” (27/5/28)

Ascenso para Fusco:

“Poemas Cronologicos — bonzões! Livro pamparra! Livro macho! (.) Com calma irei dando a vocês a divulgação que merecem. O Recife ha de aplaudil-os, estou certo, porque o artigo é bom”

Indica pessoas a quem mandar: Luiz Delgado, Austro Costa, José Penante e Anísio Galvão.

De Inojosa já tinham tomado conhecimento. Fusco para Peixoto:

“Conheço aqueles gajos de que você me falou na carta. O Hinojosa já li alguma coisa delle. Tá marcado ha muito tempo” (12/6/27).

Fusco estabeleceu contato com Carlos Chiacchio, da Bahia. Depois esfriou. Mario para Fusco:

“Uma coisa importante que tenho me esquecido de falar pra você: Outro dia você me falou que quasi que gostou dum artigo do Chiacchio sobre o Clan do Jaboti. Não houve engano de você Não é sobre a Escrava o artigo? Si é sobre o Clan me mande pra eu ler porquê não conheço ele. Quem sabe si nesse artigo eu levantarei um bocado a opinião que tenho sobre esse sujeito. Você me conhece pra saber que não zango com quem me ataca. Não tenho tempo pra isso. Mas êsse Chiacchio me repugnou pela barafunda nojenta de mentiras, de falsificações, que não podem deixar de ser conscientes que êle fez me atacando. Me parece um individuo sem nobreza moral. Os artigos dele me repugnaram simplesmente. Por isso mesmo tenho interesse de ler o sobre o Clan. Já o do Muricí em Festa, e outros acho graça ou perdo. Questão de igrejaíinha ás vezes, questão de terem razão também” (21/9/28).

Guilhermino para Peixoto:

“Jorge de Lima mandou um retrato dele e do José Lins do Rego. Cabra bonito. Cabras alias. Estão esperando Meia Pataca. Jorge gostou muito da critica do Fusco. Disse que o Gilberto Freyre vae tomar conta da ‘A Provincia’ e ele, Jorge, vai escrever sobre a gente” (24/1/28).

Ascenio para Fusco:

“Jorge de Lima escreveu. Dissê que achou sua critica ótima. Palavras dele. Disse mais que vai escrever na “A Provincia”, do Gilberto Freyre — alguma coisa sobre nós dois. Mandou um retrato. Com certeza você recebeu também” (s/d)

Outros.

Marques Rebello manda Romain Rolland e Bergson para Fusco:

“E Verde? Walter Benevides prometeu fazer uma critica sobre cinema. Elle é rei nisso. E o Ennio tambem. Ennio Fontes. O homem da ‘Gargalhada de Buster Keaton’ Um colosso” (1928).

Paulo Mendes de Almeida para Fusco:

“Todos os Poemas Cronologicos me deixaram besta de bonitos que eles são. Exigimos, eu e uma tropa grande daqui, a continuação de Verde” (maio 1928)

Affonso Arinos manda poemas para Fusco:

“Ha pouco no Rio Manoel Bandeira me contou a historia de ‘Verde’ e de um manifesto que estavam fazendo pra vocês, elle Sergio, Rodrigo e eu pedi que botassem meu nome, mesmo sem ter lido o que era. Eu gosto dos seus poemas Rosario Fusco, de alguns de seus poemas, mesmo apesar da esculhambação que você passou nos meus em Verde e que vi aqui tempos depois mostrada pelo Carlos Drummond de Andrade. Eu sou poeta Rosario Fusco. Palavra de honra. Ai de mim que (palavra ilegivel). Não é graça é destino. Eu sou poeta talvez máo. Mas poeta” (24/11/27)

Sergio Milliet para Fusco. Recebeu Poemas Cronológicos:

“Com alegria. Ha cousas otimas. Alias o grupo ‘Verde’ está fazendo um lindo bonito. Vocês conhecem os americanos? Ha uma anthologia, em francez, que contem cousas interessantes. Falo disso por cousa do poema ‘Cataguazes’, leiam e vocês comprehenderão esse ‘rapprochement’”

Pergunta se Fusco pode arranjar um agente em Cataguases para o “Diario Nacional”:

“Você já sabe é o jornal do Mario, do Couto e meu. Não é” (28/3/28)

Correia Junior para Fusco:

“Pois eu fui o 1º homem do mundo que no Paraná (boa terra, Ibituruna!.) fez arte nova. Arte bamba. Arte emmerdalhadora de sensos estheticos academicos. Portanto, ai vão uns troços meus” (s/d)

Paschoal Carlos Magno para Fusco:

“Que revista interessante até tenho pena de não ser modernista para colaborar nella” (7/1/29) z

Murillo Mendes para Fusco:

“Um pequeno reparo meio besta mas não faz mal: não dispenso o Monteiro no meu nome. É o nome materno” (27/5/29)

Mario também contatou Fusco com o Rio Grande do Sul — Ruy Cirne Lima e Augusto Meyer — mas pelo jeito não pegou, apesar do encantamento de Peixoto e Fusco por “Coração Verde”

Borges.

Por intermédio de Mario e de Ildefonso Falcão, cônsul do Brasil em Buenos Aires, Fusco estabelece alguns contatos com argentinos.

Norah Borges manda números de “Proa” para Fusco:

“Mi hermano, Jorge Luis Borges era uno de los directores. Ahora, Proa no sale más. Mi hermano admira mucho sus poemas y les envia un entusiasta saludo” (16/4/28).

Mario para Fusco:

“Você me pergunta na carta si li os artigos de Jorge Luiz Borges e El Idioma de los Argentinos. Principiei lendo e tudo ficou largado no meio com impossibilidade de ler e enjôo pelo Luiz Borges. Me parece que êle está ficando sentencioso, numa velhice prematura de academico cheio de fichas. Uma sabença muito de fachada, muito arquiteonica e com pouca engenharia. Em todo caso isto não passa dum juizo de . . . quem não leu. E você já sabe a estima intelectual que tenho pelo J.L. Borges” (13/11/28)

Finanças.

Fusco para Peixoto:

“A Verde foi um bruto sucesso aqui. Tou ganhando dinheiro”
(1927, depois do primeiro número).

Fusco para Peixoto:

“Não precisamos do dinheiro do Verde. Cave mais assignantes. Tá ouvindo?” (25/9/27)

Fusco para Peixoto:

“Os annunciantes deram o fora. Precisamos dinheiro. Mande os cobres, se for possível” (22/10/27)

Prudente de Moraes Neto para Fusco:

“quero saber da venda. Já perguntei isso e você respondeu: boa. Ora, seu Fusco, eu não quero adjectivos, quero numeros” (7/12/27).

Mario para Fusco:

“E agora reflitamos um bocado sobre a situação de Verde. Qual é de fato? Imagino que a pior possível. Vocês sem dinheiro pra sustentá-la, os annunciantes não querendo mais banca: o trouxa. Assinaturas ninguem não quer nem por amizade. Também fica feio a gente pedir assinatura pra uma coisa que não pode assegurar que saia o ano todo de assinatura, não é mesmo? Venda avulsa quasi nula ou nula. Verde é um fruto de ilusão, como Klaxon, como A Revista, como Estetica. Vocês carecem principiar matutando na possibilidade de matar Verde. Eu imagino que isto que falo vai doer feito relhada. Me desculpe si doer porém é a amizade mesmo que me obriga a falar assim. Também me doeu sangue a morte de Klaxon. Mas carece encarar a coisa mais esportivamente e menos romanticamente: si morrer a gente reconhece que morreu e pronto. Não tem nenhuma vergonha nem desastre nisso não. No verdadeiro esporte é tão nobre a gente reconhecer que perdeu como ganhar. E vejam o benefício que isto dá. Perdida uma partida a gente principia treinando pra outra desde que a gente reconheça que perdeu por me-

nos força. Si não reconhece como a lealdade esportiva manda, principia discutindo, perde tempo, sofre a amargura intoleravel do despeito, insulta os outros, juiz roubou, etc. e perde tempo e felicidade. Verde reconhecida como morta, vamos pensar noutra coisa, trabalhos novos, vida nova, esforço novo. Não vá desconfiar, imaginando que quero a morte de Verde e a peço. É o que quero menos neste mundo. Mas é a verdade. Si puderem botem mais um numero da revista pra fora, caçoando jovialmente da morte dela. Si não puderem não faz mal nenhum. Comigo vocês não tem compromisso nenhum. O que mandei foi dado pra Verde e não pro numero tal de Verde. Paguem dividas si houver e pronto. Agora: si fizerem questão de Verde aparecer segunda fase, conservo minha promessa, entro no numero dos marchantes a 10\$000, como 5 marchantes, isto é, mandarei 50\$000 mensais. Agora: não me ofereço pra arranjar outros. Pedir dinheiro, nem que seja pra outros e pra coisas justas, você não imagina: é intoleravel pra mim. Tenho dois amigos ricos, que aliás sei que andam assoberbados com os pedidos: dona Olivia Penteadó e Paulo Prado. Nunca jamais não fiz nenhum pedido pra eles. É mesmo por isso que justifico a amizade que tenho por eles” (8/6/28).

Morrer em Casa.

Camilo Soares para Peixoto:

“Não sei ao certo si vou pra São Paulo. Estou muito doente e aquilo lá fica muito longe. Si eu quizer morrer em casa tenho que viajar muito e isso é pau” (s/d)

Guilhermino para Peixoto:

“Enquanto isso Ascanio está doente. Levam o rapaz pra Santa Casa. Os medicos chegam e dizem pra levarem ele pra Cataguazes, que é melhor morrer em casa” (17/5/28)

Martins Mendes para Peixoto:

“Ascanio regressou de Belo Horizonte. Ainda não fui ve-lo, porem disseram-me que elle veio mais abatido. Aquelle nosso amigo é uma criança sem juizo. Abusa muito do estado de sua saude. Enfim. ” (s/d)

Henrique de Resende discursa no enterro. Coroas do prefeito Lobo, do chefe político Pedro Dutra, do deputado do distrito Sandoval

de Azevedo e de “os seus camaradas de Verde” (O Cataguazes, 13/1/1929).

AS CLASSES NOS “POEMAS CRONOLÓGICOS”

Henrique de Resende: A Sala

Na sala da fazenda, a mais ampla e a mais severa, oleografias antigas, trabalhadas no estrangeiro, pendem das paredes brancas. A um canto, o grande sofá de palha e de cabiúna e, além, as suas doze cadeiras pesadonas, espalhadas em grupo.

E os consólos antigos, com jarrões antigos; e o piano Pleyel datado de meio seculo; e, no alto, o vasto espelho circular com molduras douradas; e o lustre rodeado de candelabros; e os trincos das portas com as armas do Imperio; e o busto em gesso do avô fundador da fazenda; (. .)

Ascanio Lopes: Serão do menino pobre

Na sala pobre da casa da roça
Papae lia o jornal atrazado.
Mamãe ce-zia minhas meias rasgadas.
A luz fraca do lampeão iluminava a mesa
e deixava na parede um bordado de sombras.
Eu ficava a ler um livro de historias impossiveis — desde crean-
ça facinou-me o maravilhoso.
A's vezes Mamãe parava de costurar
—a vista estava cansada a luz era fraca e passava de leve a
mão pelos meus cabelos numa caricia muda e silenciosa. (.)

Rosario Fusco: Sala de Gente Pobre

Um banco.
Uma mēsa.
Um quadro: Nossa Senhora.
Outro quadro: São José...
Um lampeão.(...)